

Adriano de Gusmão, Álvaro Salema, António José Saraiva, António Quadros, Branquinho da Fonseca, Carlos de Oliveira, Delfim Santos, Diogo de Macedo, Francisco Costa, Jaime Brasil, João de Freitas Branco, João Gaspar Simões, João José Cochofel, José Júlio, José Marinho, José Régio, Leonel de Carvalho, Luis Francisco Rebelo, Mário Dionísio e Tomáz Ribas

# LER

*Jornal de Letras, Artes e Ciências*

## SOUSA COSTA

recebeu o Prémio RICARDO MALHEIROS

## PASSADO E PRESENTE

# HUMANISMO E CIÊNCIA



A cerimónia da entrega do Prémio Ricardo Malheiros  
Na fotografia o nosso colaborador Sousa Costa com os académicos: António Baião, Caeiro da Mata, Júlio Dantas, Joaquim Leitão e Moisés Amzalac

A Academia entregou ao escritor Sousa Costa o Prémio Ricardo Malheiros, atribuído ao seu romance *Entre Duas Labaredas*.

Não existe em Portugal um grande prémio literário que, pelo seu real prestígio e valor, não só sirva de incentivo à criação literária nacional, como contribua, efectivamente, para despertar o interesse do público pelos autores premiados. De um bem-merito legado de Ricardo Malheiros, financeiro, contabilista e político, do Porto, distribuído à Academia, anualmente, este modesto prémio de 5.000\$00. E bem haja Ricardo Malheiros! Homem de negócios, propagandista da República, vulto de primeiro plano da finança nortenha, Ricardo Malheiros, que fora jornalista, e no *Diário da Tarde*, além de crónicas sobre assuntos económicos e financeiros, ensaiara a ficção, publicando algumas produções de carácter novelístico, trouxe do seu amor pelas letras e do convívio com os mais altos espíritos do seu tempo, para o retiro de Miramar, onde se isolou e faleceu, a vontade de instituir um prémio literário para os escritores portugueses. E todos os anos os 100 contos legados por Ricardo Malheiros à Academia, em 1932, dão o seu fruto — parco, mas generoso.

Após Alves Redol, é agora Sousa Costa, o prosador insigne e admirado de *Entre Duas Labaredas*, que obtém o apreciado galardão. E se não é necessário afirmar que o Prémio Ricardo Malheiros não representa para o autor que o alcança a consideração internacional implícita no Prémio Nobel, ou o sucesso comercial que o Prémio Goncourt suscita para as obras que com ele são distinguidas, mesmo quando é recusado — como sucedeu com *Le Rivage des Syrtes*, de Julien Gracq —, justo é reconhecer que o Prémio Ricardo Malheiros desperta um movimento de interesse da parte do público e se reflecte no curso da venda da obra premiada.

Não é verdade, senhores livreiros e editores? Então, porque esperamos para criar um grande prémio literário nacional?

Num dos próximos números de LER voltaremos a este assunto.



Uma característica flagrante da cultura ainda dominante é o divórcio entre aquilo a que tradicionalmente se chama «Humanidades», por um lado, e o saber científico, pelo outro. Ao «humanista» o indivíduo de formação científica aparece como um bárbaro que se apropriou de um instrumento cego de domínio da Natureza, ignorando a riqueza e a complexidade da natureza humana, insensível aos prazeres inigualáveis da arte e da aventura intelectual. Ao «cientista», por seu turno, o «humanista» aparece como um palrador frívolo, emitindo *flatus vocis* destituídos de sentido, que fala em vez de pensar, e impotente para colaborar no esforço de transformação do mundo que nos rodeia.

Este divórcio reflecte-se pedagógicamente na separação tradicional de Letras e Ciências e no espírito que anima as diversas Faculdades. Nas de Letras ainda hoje certas afirmações literárias fazem figura de pensamento profundo e rico; nas de Ciências a matéria ministrada aparece como algo dogmático, indiferente, às aspirações e necessidades dos homens,

POR  
ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

imutável, ou, para empregar a palavra adequada, mecânico. Os graduados em Letras saem incapazes de equacionar um problema; os graduados em Ciências saem destituídos de qualquer problemática, isto é, de uma atitude crítica e indagadora perante o mundo ambiente, e inconscientes do significado humano da Ciência.

Este estado de coisas provém de uma tradição longa de séculos que não foi ainda enriquecida com as aquisições da Ciência a partir de meados do século XIX, tradição que se mantém estática e improdutiva, em vez de ser utilizada como um capital produtor de nova riqueza.

As chamadas «ciências do Espírito» e as «ciências da Natureza» evoluíram a partir da Idade Média segundo caminhos divergentes. Não é este o lugar para mostrar como na Idade Média se chegou à concepção do dualismo Alma-Corpo, nem como o cartesianismo herdou esta distinção, dando-lhe a forma de Pensamento-Extensão. O facto é que, a partir deste dualismo, as ciências da Natureza, desenvolvendo-se principalmente desde as descobertas de Galileu, encontraram um método de investigação que permite avançar de degrau em degrau, sem perder o pé, e deixando-nos perceber clara e distintamente o nexo que permite passar de um conhecimento a outro, de uma explicação a outra, numa marcha que é irreversível. A característica mais geral desse método é a correlação constante entre a teoria e a experiência. A experiência é simultaneamente o estímulo da teoria e a sua prova; quer dizer: revela-nos um mundo real exterior ao homem, que exige da parte deste uma adaptação. A teoria científica é uma adaptação do chamado Espírito à realidade exterior; e é simultaneamente o instrumento que permite avançar no conhecimento dessa realidade.

Ora as chamadas «ciências do Espírito» mantiveram-se à margem desta formação do método científico; continuaram a ser um campo de discussão verbal, em que decerto os conceitos se esmiuçaram, o jogo dialéctico se subtilizou, a linguagem se adelgaçou — sem que todavia se encontrasse um critério que permita eliminar as hipóteses infecundas e tirar as

consequências das que se revelam operantes. Acaso a Estética explica melhor hoje em dia a natureza da obra de arte do que no tempo de Platão? Acaso se efectuou nesse domínio uma marcha irreversível que deixe as teorias platónicas perante as que lhe sucederam na mesma posição em que se encontra por exemplo a física de Galileu relativamente à de Einstein? É evidente que não. Um dos caracteres das chamadas «ciências do Espírito» é precisamente o da reversibilidade, isto é, o de ser possível no século XX argumentar com os argumentos de Platão, ou S. Tomás de Aquino, ou Kant, ou qualquer outro, como se à marcha do tempo não correspondesse uma marcha no desenvolvimento lógico do pensamento.

Na realidade as chamadas «ciências do Espírito» permanecem ainda hoje na mesma situação em que se encontravam há séculos. Como poderia ser de outra maneira se elas não dispõem de um critério de comprovação de hipóteses? A Ciência, tal como a concebemos a partir do século XVII, evoluiu porque a realidade, infinitamente rica e complexa, nos obriga constantemente a rever os esquemas que lhe aplicamos, a adaptar o instrumento lógico da análise e da relação, a transformar o mundo de representações que se forjou ao contacto de uma experiência anterior, a alterar inclusivamente as chamadas «categorias», que durante tanto tempo se julgaram imutáveis. A própria Lógica se transforma, acompanhando a complexidade do mundo

(Continua na página 2)

## UMA ENTREVISTA COM

# FRANCISCO COSTA

Francisco Costa, o romancista de *A Garça* e *a Serpente* e de *Cárcere Invisível*, Prémio Ricardo Malheiros de 1949, iniciou a sua carreira literária há trinta e dois anos com um livro de sonetos e ganha a vida como contabilista. Trouxe para os seus romances os seus dotes de poeta, a experiência de uma vida, a angústia de uma doença e os reflexos de uma crise religiosa.

As suas obras são as suas melhores credenciais. Francisco Costa é alguém na literatura portuguesa contemporânea. E daí a natural curiosidade de o ouvirmos nas colunas deste jornal.



— Após o sucesso literário alcançado com os seus romances, como considera este primeiro contacto com o cinema?

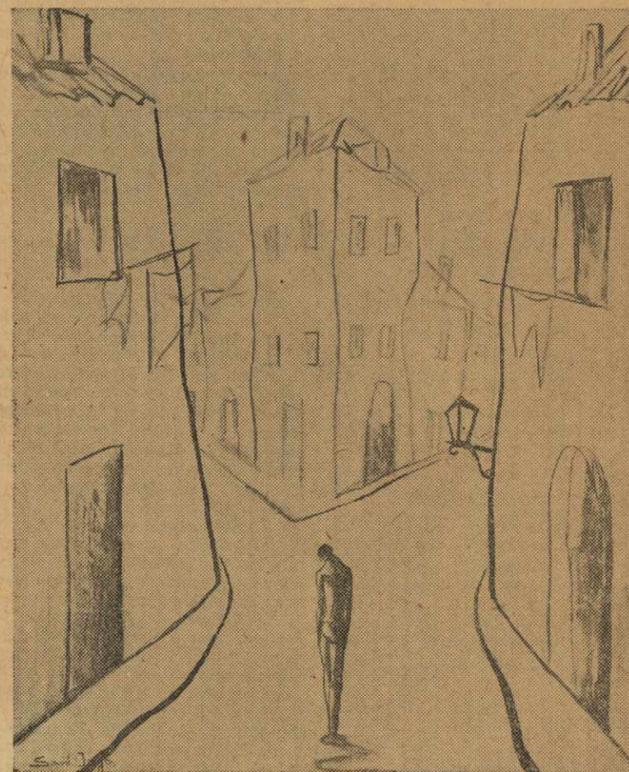
— A proposta para a filmagem de *A Garça* e *a Serpente*, que é precisamente o primeiro dos meus romances subordinados ao título genérico de *Vida Portuguesa*, pareceu-me, à primeira vista, um mero acaso da sorte. Depois, à medida que se elaborava a sequência cinematográfica, o argumento literário e, por fim, o argumento planificado, compenetrei-me do que realmente acontecera. Em 1940, ao escrever o romance, era este, quanto à estética, o meu princípio basilar: introduzir entre nós o realismo integral, quero dizer, um realismo que, mantendo-se leal à vida e a todos os seus valores terrestres, abrangesse também os valores espirituais, tão esquecidos, ou mal recordados, pelos realistas e neo-realistas portugueses. Dez anos mais tarde, a Ibérica Filmes, formada por Silva Tavares e Artur Duarte — um poeta e um técnico do cinema —, procurava o mesmo, na sua esfera de acção: narrar, na tela, histórias bem portuguesas, que aderissem à

realidade concreta, mas se distinguem, pelo tom e pelo nível, das comédias de bairro lisboeta, até aqui preferidas pelos realizadores nacionais, atemorizados pelo receio de não agradarem ao grande público. Foi, afinal, um encontro feliz de duas teses idênticas, e por isso o filme pode bem vir a ser uma espécie de pedra de toque do cinema nacional. O público estará ainda no mesmo nível mental que suscitou o primeiro filme de assunto fadista e os seus numerosos descendentes? É o que vamos verificar nestes meses mais próximos. Note: eu, pessoalmente, estou muito longe de ser indiferente ao Fado digno desse nome, especialmente ao de Lisboa. Os motivos misteriosos por que ele toca ao vivo o sentimento de nacionais e estrangeiros mergulham raízes no mais fundo da alma humana: há nele certas notas de uma angústia tão magoada, que chego a atribuir aos Portugueses o mérito de terem descoberto um dos autênticos gritos da condição humana, que hoje preocupa tanto, lá fora,

(Continua na página 9)

## NO PRÓXIMO NÚMERO:

- ★ Homenagem a Vitor Hugo.
- ★ Uma entrevista com Agripino Grieco.
- ★ Depoimentos de: Irene Lisboa, Ilse Losa, Natércia Freire e Raquel Bastos.
- ★ Um suplemento especial ilustrado dedicado às Feiras do Livro de Lisboa e Porto.



Um dos desenhos que ilustram os Poemas de João Sant'Iago

**EDITORIAL**

O APARECIMENTO deste jornal suscitou em todo o País um movimento de curiosidade e de interesse que ultrapassou largamente aquela nossa esperança que está na origem deste empreendimento. O nosso optimismo foi largamente excedido. O movimento de curiosidade transformou-se em manifestações de apoio que nos chegaram de toda a parte e de todos os sectores e nos garantem — nos dão a certeza — de que LER correspondeu à expectativa e veio, como dissemos, preencher uma lacuna.

As muitas cartas recebidas dizem-nos que estamos no bom caminho, que a solução apresentada para o jornal literário que faltava satisfaz numa larga medida e que a natureza e nível da colaboração são susceptíveis de impor LER à consideração de todos, porque reconhecem serem as características indicadas as únicas possíveis — portanto as necessárias — para a existência, e sobrevivência de um jornal com as finalidades de LER.

É lícito da nossa parte convencer-mos de que iniciámos uma obra útil para os milhares de leitores a quem o nosso jornal se dirige, e para o País, que fica possuindo o jornal literário de que necessitava. É com viva emoção que expressamos aqui o nosso sincero agradecimento pelo acolhimento que nos dispensaram o público, os editores e os livreiros — todos com manifestações de apoio moral e material que poderão tornar-se a base de existência desta publicação, que só com esses apoios há-de viver.

Mas porque seria impossível agradar à totalidade dos possíveis leitores de um jornal literário — que desde o primeiro anúncio do seu aparecimento se afirmou aberto a todas as correntes — chegaram também até nós, como era inevitável, os ecos de algumas palavras de incompreensão. Já as esperávamos, é certo, mas o coro de aplausos ao nosso empreendimento foi tão geral, tão acentuado e tão entusiástico que francamente nos estranhou e impressionou um ou outro reparo chegado até nós. Uma nota publicada num jornal de Lisboa que noticiava o aparecimento deste jornal referia que LER se propunha defender um ideal, mas que o deveria fazer sem impor um receituário. A expressão «defender um ideal», por equívoca, causou estranheza a muitos leitores da referida nota. Este jornal não vem a defender um corpo de doutrinas, nem a impor um qualquer receituário. Tem evidentemente ideias: as que inspiraram a sua publicação e de que não fazemos segredo. Mas aquilo que vulgarmente se denomina por ideal LER não o tem, a não ser que haja de chamar-se assim o propósito vincado de defender e difundir a cultura portuguesa. LER não pretende impor um receituário, nem por iniciativa própria nem por recomendação alheia. E se é legítimo falar no conteúdo das ideias expostas no jornal — aliás e exclusivamente dentro do que é o campo próprio da sua esfera de interesses — poder-se-á dizer que as ideias poderão ser tantas quantos os colaboradores, cujos artigos são solicitados mas não inspirados por nós. E enquanto este jornal se publicar e nós formos os seus responsáveis, por dever e por direito, as regras de convivência respeitosa serão mantidas com a imprescindível liberdade, os colaboradores serão escolhidos por iniciativa nossa dentro da linha traçada no primeiro número de LER, e o propósito de contribuir para a defesa da cultura portuguesa, da edição portuguesa, da língua portuguesa e dos autores portugueses será mantido também, a par da necessária divulgação entre nós, e até onde nos for possível, do que de mais representativo se fizer, se pensar e se escrever no estrangeiro sobre letras, artes e ciências. As nossas intenções são claras e são apenas as que já expusemos. Seja quem for não tem o direito de ver preto onde afirmamos branco, nem de se perder em conjecturas literárias, políticas ou financeiras.

E, quanto a estas, fique desde já afirmado, de uma vez para sempre, que LER é propriedade exclusiva de uma casa editora que não é rica, mas que não mendiga benesses, nem favores e é independente. Enquanto LER se publicar será sempre assim.

LER prosseguirá a sua marcha, agora apenas iniciada, e espera ir longe se todos — Público, Autores, Editores e Livreiros — continuarem a dispensar-lhe o seu apoio. Entretanto, será legítimo perguntarmos se é culpa nossa termos lançado, em boa hora, um empreendimento de que outros podiam ter tido, e em melhor oportunidade, a necessária iniciativa.

real que a experiência nos revela. As ciências do Espírito, porém, parecem viver dentro de uma arena fechada, o seu movimento é o do eterno retorno; o seu método consiste em postular definições puramente subjectivas e em inserir, segundo uma Lógica antiquíssima, os conceitos mais extensos dentro dos meios extensos.

Quando se opõem as ciências do Espírito às ciências da Natureza faz-se um falso paralelismo, porque a palavra «ciência» tem significados totalmente diversos numa e noutra expressão.

Se atribuímos à palavra «ciência» o conteúdo que ela ganhou a partir de Galileu, é evidente que não podemos falar de ciências do Espírito; e, se atribuímos

à palavra «ciência» o significado que ela tinha antes do desenvolvimento da Física moderna, é claro que desconhecemos tudo o que se passou no campo da evolução do pensamento da Idade Média para cá.

Por outro lado, a própria oposição entre ciências do Espírito e ciências da Natureza tem a raiz numa ontologia que supõe o dualismo do Espírito e da Matéria, da Alma e do Corpo, dualismo que a Ciência não pode aceitar, sob pena de se negar. Para a Ciência a realidade é uma só, toda ela experimentável, toda ela captável, directa ou indirectamente, pela sensibilidade.

As chamadas «ciências do Espírito» assentam, afinal, numa mentalidade pré-científica, herdeira de antiquíssimas mitologias. O tipo de mentalidade «humanista» desconhece, por natureza, toda a evolução da Ciência a partir do Renascimento. Mas, por outro lado, o tipo de mentalidade abusivamente chamado «cientista» atém-se a conceitos não menos exclusivistas e aceita aquele mesmo dualismo de Pensamento-Extensão que serve de base à antinomia ciências da Natureza-ciências do Espírito.

Com efeito, ainda hoje há a tendência de confundir o Mecanicismo com o espírito científico. O Mecanicismo aceita tacitamente que lhe é inacessível toda uma zona amplíssima da realidade, não sujeitável a leis de repetição indefinida, e renuncia ao esforço de realizar a síntese das ciências do Homem, das ciências da Vida e das ciências do mundo inorgânico.

E para esta síntese, todavia, que caminha rapidamente a Ciência a partir de meados do século passado. O darwinismo, a microfísica, a nova historiografia, são alguns dos aspectos desta superação da ciência mecanicista, que se encaminha a sujeitar a leis gerais a ciência do Homem e as ciências da Natureza. E já hoje é possível dar à palavra «humanismo» um sentido infinitamente mais rico do que aquele que se lhe atribuía na época de Anatole France e dar simultaneamente à Ciência um conteúdo humanista. O sábio humanista, sonho da Renascença esboçado em personagens como Leonardo da Vinci, volta a estar presente entre nós como ideal próximo e até como realização viva.

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA



**SINCLAIR LEWIS**

O romance póstumo O Nosso Vasto Mundo suscitou um novo movimento de curiosidade pela obra de Sinclair Lewis. O grande escritor norte-americano, de origem irlandesa, nem sempre foi considerado pelos seus compatriotas com inteira justiça. Foi a atribuição do Prémio Nobel, em 1930, que rendeu a opinião pública americana ao culto de uma obra irreverente.

Sinclair Lewis dizia: — O meu livro Elmer Gantry pôs-me de mal com alguns americanos; Babbitt pôs-me de mal com os restantes.

**STENDHAL E HELVETIUS**

Os leitores da obra de Stendhal, e principalmente os que conhecem a sua Correspondência, o Diário, os Pensamentos, sabem com que insistência ele se refere aos sensualistas, e designadamente a Helvetius.

Com o título Stendhal e Helvetius publicou agora Jules-C. Alciatore, simultaneamente em França e na Suíça, a tese de doutoramento que defendeu em 1938 na Universidade de Chicago. Trata-se de um estudo minucioso e erudito que, além de estudar a obra de Stendhal sob um novo ângulo, tem o interesse de revelar muitos frag-

mentos inéditos do autor de Le Rouge et le Noir.

**ANTECIPAÇÕES LITERÁRIAS**

Uma revista literária de S. Francisco (Estados Unidos), desejosa de publicar várias interpretações do que será o Mundo no ano de 2052, solicitou a colaboração dos maiores escritores americanos.

Hemingway recusou esta oportunidade de se fantasiar de Wells, afirmando: — Eu não sei sequer o que será o Mundo na próxima semana.

**QUESTÕES DE PALAVRAS**

Um elegante escritor contemporâneo dizia a uma senhora:

— Não é necessária muita felicidade para ser feliz...

Ao que a senhora, com espirito, retorquiu: — Nem muito sucesso para ser um grande escritor.

**AS AMIZADES TERRÍVEIS**

Muitos amigos e admiradores de Jules Verne lamentavam o facto de a Academia se manter indiferente ao sucesso de uma

obra que tornara o escritor universalmente célebre. Em Maio de 1886 um jovem atacou Jules Verne a tiro, ferindo-o num joelho.

Preso e interrogado pela polícia, o jovem declarou que quisera simplesmente chamar a atenção do país sobre Jules Verne, emocional a opinião pública, despertar o interesse da Academia pelo escritor. O agressor era apenas um «admirador» de Jules Verne.

**VITOR HUGO E A MÚSICA**

Théodore Bainville costumava referir, com agrado, que era possível visitar Vitor Hugo sem se ser obrigado a ouvir música. Parece, de facto, que Hugo não tinha grande predilecção pela música e o poeta nunca deixou de protestar quando os seus versos eram musicados. «Nada me aborrece tanto como o empenho de musicar belos versos» — escreveu Hugo, num caderno íntimo.

Uma só vez Hugo aceitou colaborar com um músico: foi quando forneceu a Herold as estrofas do Hino aos Mortos. O hino tornou-se célebre, contra o prognóstico de Vitor Hugo, que enviara os versos a Herold acompanhados das seguintes palavras:

«Eis, senhor, duas ou três más estrofas. Não creio que delas vos seja possível fazer grande coisa».

**Escritores, Artistas e Editores**

**Dizem o que pensam da publicação de LER**

**ANTÓNIO DE SOUSA — Poeta.**

Sim! Creio útil e meritória a publicação de um jornal português de Letras, Artes e Ciências, honesto e vivo. Complementário das melhores páginas culturais da nossa imprensa periódica — pequena e grande. Ajudando, com elas, Gregos e Troianos a ler melhor. Aberto em todas as direcções, como a rosa-dos-ventos.

**AUGUSTO DA COSTA — Escritor.**

Sinceros votos de prosperidades, a beñ das letras portuguesas.

**MÁRIO PERDIGÃO — Livreiro-editor.**

Inicialmente, supusemos tratar-se de um veículo de propaganda das edições de Europa-América. Gostosamente verificámos que tal suposição era falsa. LER é tão útil ao editor (sem distinção de firmas), ou ao livreiro, como o é aos autores, como ao público que se interessa pelas diversas formas de cultura. Desejo, veementemente, que LER passe a hebdomadário...

**JORGE SEGURADO — Arquitecto.**

Felicitos pela realidade do LER, que bem preciso é no nosso débil meio.

**PIERRE HOURCADE — Director do Instituto Francês.**

A iniciativa da publicação do LER, análoga à das grandes casas editoras francesas, parece-me tão oportuna como judiciosamente concebida. LER vem preencher uma lamentável lacuna no panorama da edição portuguesa.

**TAVARES MARTINS — Editor e livreiro.**

LER agradou-nos muito, sobretudo pela orientação dada à secção de crítica de livros, quase sempre menosprezada, tanto nos nossos jornais literários como nos outros. Conseguir, logo de início, e num meio como o nosso, apresentar um número com o interesse deste primeiro foi, sem dúvida, tarefa árdua, e, por isso, digna de todo o elogio. Nós cumprimos o nosso dever, felicitando a sua direcção. Tal como esta, entendemos que aos escritores antigos, que fizeram a nossa literatura, deverá ser reservado lugar importante num jornal moderno.

**JOÃO DE BARROS — Escritor.**

Confoio em que o público saiba e queira apreciar e admirar tão bela, útil e patriótica iniciativa. Ela corresponde a uma necessidade e a um apelo da nossa mentalidade e constitui poderoso incentivo para todos quantos desejam e procuram dar-lhe

prestígio, nobreza e grandeza. Vem na hora própria, na hora em que uma geração de jovens e nobres talentos preciso de estímulo, que seria injusto negar-lhe. Cumpra LER a sua missão, e até os velhos como eu — que desde já a aplaudo — não-de sempre e sem restrições oferecer-lhe o seu apoio entusiástico. Felicito Publicações Europa-América pelo grande serviço que assim prestam às letras e artes do nosso tempo.

**FERREIRA DE CASTRO — Escritor.**

LER estreou-se bem. Está variado, cheio de interesse e é muito brilhante a sua colaboração. Não parece um primeiro passo; parece que começou a andar há muito. Oxalá não encontre obstáculos.

**SOUSA COSTA — Escritor.**

Sim, senhor. A iniciativa dum jornal de Letras, Artes e Ciências corresponde a uma necessidade primaz na vida intelectual portuguesa.

Tão primaz como o labor da abelha na frutificação do pomar. A abelha, fabricante do único mel ainda inocente de mistificação fraudulenta, ao extrair das flores a matéria-prima da sua indústria, fecunda as flores dum ramo com o pólen das flores de outro ramo — elas, fecundadas, a seu tempo, a darem os seus frutos.

É a acção vital da página de Letras, Artes e Ciências no horto em que florescem o Pensamento, a Sensibilidade e a Beleza — a correr de horto em horto, de cérebro em cérebro, a fecundar os cérebros pelos bons estímulos doutros cérebros.

De resto, o gráfico mais flagrante do grau de cultura dum sociedade está precisamente no número e qualidade das suas publicações de Ciências, Letras e Artes.

**NICOLAU FIRMINO — Autor-editor.**

Felicitos com entusiasmo o director e o editor de LER e desejo vivamente que esta benemérita iniciativa particular possa suprir a falta dum publicação oficial, da nossa classe, e consiga manter-se ad multos annos, já que todas as outras publicações anteriores, oficiais e particulares, não têm vingado por falta de colaboradores, por falta de interessados, por causas várias...

Tanto quanto puder, enviarei alguns anúncios que ajudem a atenuar os encargos (e os prejuízos certos) deste patriótico empreendimento.

Se todos nós, autores e editores-livreiros, dividissemos este bem (não mal) pelas aldeias, colheríamos os frutos de tornar conhecidos e interessados os livros, visto que ninguém ama o que não conhece: Ignoti nulla cupido.

**coleção SABER**

UMA COLEÇÃO ÚNICA EM LÍNGUA PORTUGUESA

- 1 — História das Técnicas, por Pierre Ducassé.
- 2 — História do Cinema, por Lo Duca.
- 3 — A Grafologia, por Herbert Hertz.
- 4 — Os Sonhos, por Jean Lhermitte.
- 5 — As Origens da Burguesia, por Régine Pernoud.
- 6 — A Batalha dos Trusts, por Henry Peyret.
- 7 — História da Literatura Portuguesa, pelo Dr. António José Saraiva. 2.ª ed.
- 8 — Do Átomo à Estrela, por Pierre Rousseau.
- 10 — As Grandes Correntes da Filosofia, por Pierre Ducassé.
- 11 — Os Regimes Alimentares, por P. Chêne.
- 12 — A Gênesis da Humanidade, por C. Arambourg.
- 13 — As Etapas da Geografia, por René Clozier.
- 14 — História da Velocidade, por Pierre Rousseau.
- 15 — A Polícia Científica, por Léon Lerich.
- 16 — As Grandes Doutrinas Económicas, por Arthur Taylor.
- 17 — Pasteur e os Micróbios, por Albert Delaunay.
- 18 — O Ocultismo Perante a Ciência, por Marcel Boll.
- 19 — A Contabilidade, por Jean Fourastié.
- 20 — A Adolescência, por Maurice Debesse.
- 21 — Fernão Lopes, pelo Dr. António José Saraiva.
- 1-SE — As Etapas da Matemática, por Marcel Boll.

Cada volume cartonado ..... Esc. 15\$00

À venda nas principais livrarias de Portugal e Brasil

SÃO EDIÇÕES DE

**PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA**

RUA DA BARROCA, 4 LISBOA

**LER**

Jornal de Letras, Artes e Ciências

Director: Francisco Lyon de Castro  
Editor: Adelino Lyon de Castro

Propriedade de

**Publicações Europa-América**

Redacção e Administração  
RUA DA BARROCA, 4 - LISBOA  
TEL. 3 0826

PREÇO AVULSO: 3\$00

ASSINATURA

Portugal e Brasil Estrangeiro

6 números 18\$00 21\$00  
12 » 32\$00 40\$00

As assinaturas são pagas adiantadamente, o seu custo é dado sob reserva de alteração de preço e inclui o direito aos suplementos e números especiais.

Não se devolvem os originais não solicitados.

As ideias expressas nos artigos assinados são de responsabilidade dos seus autores.